

DIAMETIC VARIATION AND INSTITUTIONAL POLITICAL COMMUNICATION

The “politician-journalist” interaction in Bolsonaro’s Brazil between old and new forms of dialogue

Resumo

Esta contribuição propõe uma análise da linguagem política dentro da comunicação institucional de Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil. Partindo da dicotomia diamétrica entre escrito-escrito e falado-falado (Nencioni, 1976) e considerando as entrevistas agendadas (interações via videochamada) e as perguntas dos jornalistas nas intervenções públicas do presidente brasileiro (interações presenciais), é possível observar como, neste caso, o meio não influencia a comunicação; permitindo apenas uma distinção entre comunicação planejada e não planejada (Marcuschi 1999, 2008; Marcuschi & Dionísio 2005). Além disso, em consonância com a pesquisa científica sobre a análise da conversa, propõe-se uma análise do diálogo entre o político brasileiro e os jornalistas como forma de comunicação desigual: em todos os casos é evidente a assimetria de posições sociais entre o orador e seus interlocutores.

Palavras-chave

Análise conversacional; discurso político; variação linguística.

Abstract

This contribution proposes an analysis of the political language of Jair Bolsonaro, the current Brazilian president. Starting from the diametric dichotomy between written-written and spoken-spoken (Nencioni, 1976) and considering the scheduled interviews (interactions via videocall) and the questions of journalists in the public interventions of the Brazilian president (face-to-face interactions), it is possible to observe how, in cases like those here mentioned, the medium does not influence communication, only allowing a distinction between planned and unplanned communication. Furthermore, in line with the scientific research on conversation analysis, an analysis of the dialogue between Brazilian politicians and journalists is proposed as a form of unequal communication: in all cases, the asymmetry of social positions between the speaker and his interviewers is evident.

Keywords

Conversational analysis; political discourse; linguistic variation.

* * *

Referencia: Morleo, F. (2022). A variação diamétrica e a comunicação política institucional. A interação “político-jornalista” no Brasil de Bolsonaro entre velhas e novas formas de diálogo. *Cultura Latinoamericana*, 36 (2), pp. 76-98 DOI: <http://dx.doi.org/10.14718/CulturaLatinoam.2022.36.2.5>

El presente artículo es resultado de un proceso de investigación desarrollado en la Università di Napoli “L’Orientale”.

Fecha de recepción: 27 de agosto de 2022; fecha de aceptación: 30 de septiembre de 2022.

A VARIAÇÃO DIAMÉSICA E A COMUNICAÇÃO POLÍTICA INSTITUCIONAL

A interação “político-jornalista” no Brasil de Bolsonaro entre velhas e novas formas de diálogo

Francesco Morleo
Università di Napoli “L’Orientale”
ORCID: 0000-0001-7121-8443
fmorleo@unior.it

DOI: <http://dx.doi.org/10.14718/CulturaLatinoam.2022.36.2.5>

1. Introdução: a entrevista como momento de interação

Como escreve Orletti (2000), a entrevista, considerada como uma interação dialógica entre dois ou mais atores com o objetivo de obter determinada informação de um dos participantes - pode ser realizada em diferentes contextos. O caráter institucional da entrevista não depende do local ou meio utilizado para a interação, mas do “fato de que a relação comunicativa estabelecida entre as partes que interagem [está] voltada para um objetivo externo à própria interação e que esse objetivo implica uma definição *a priori* dos papéis comunicativos a serem assumidos pelos interlocutores [...] e uma predeterminação da distribuição desses papéis” (Orletti, 2000, p. 73¹). Seu comportamento durante a interação reflete a sensibilidade dos interlocutores às res-

1. “Non è [...] il luogo dove si svolge l’interazione a determinare il carattere istituzionale dello scambio comunicativo, quanto il fatto che il rapporto comunicativo che si stabilisce fra gli interagenti è finalizzato ad un obiettivo esterno all’interazione stessa e che tale obiettivo comporta una definizione a priori dei ruoli comunicativi che vanno assunti dagli interagenti (in questo caso “chi domanda” e “chi risponde”) ed una predeterminazione della distribuzione di tali ruoli e, in generale il fatto che gli interagenti, nel loro agire comunicativo, adottano comportamenti che mostrano una sensibilità ai vincoli contestuali”.



trições contextuais. Por restrições contextuais, entende-se o respeitar do *frame* “entrevista” no qual encontramos um ou mais interlocutores que fazem perguntas e um ou mais interlocutores que respondem às perguntas. Como afirma Orletti (2000), na entrevista jornalística, “a distinção entre entrevistador e entrevistado se reflete no tipo de movimentos de comunicação que os participantes podem realizar e na estruturação dos turnos”² (p. 74). Portanto, a estrutura pergunta-resposta desempenha um papel fundamental nessa interação, em que apenas o entrevistador faz as perguntas e apenas um sujeito responde a essas perguntas. Essa dramatização se desenvolve por meio de uma distribuição dos espaços de fala que não deveria refletir a “tensão competitiva pela tomada do turno” típica de uma conversa comum.

No entanto, as características prototípicas desse *frame* podem variar de acordo com os diferentes papéis institucionais dos interlocutores. De uma forma completamente geral e para dar um exemplo, podemos dizer que na entrevista presencial, a interação direta entre dois ou mais interlocutores pode explorar o potencial da comunicação interpessoal - permitindo ao entrevistador fazer intervenções inesperadas. Em uma interação em que o entrevistador tem uma posição igual ou proeminente em relação ao entrevistado, ele pode gerenciar facilmente a conversa; se é o entrevistado, por outro lado, que tem uma posição de preeminência em relação ao entrevistador, então, este poderá gerenciar o fluxo de comunicação de acordo com seus próprios objetivos de comunicação. Em ambos os casos, os dois lados tentarão forçar a comunicação com base em interesses externos à interação - interesses que podemos definir contextuais e extracontextuais.

2. A interação presencial e a interação a distância

Os tempos de negociação de sentido entre os participantes de uma troca dialógica estão ligados, de alguma forma, à distância física que caracteriza a própria troca. Em outras palavras, focando na modalidade falada, podemos ver como uma troca pode variar se a interação for presencial ou a distância (ou seja, através dos atuais meios de comunicação online).

2. “La distinzione tra fra intervistatore e intervistato si riflette sul tipo di mosse comunicative che i partecipanti possono effettuare e sulla strutturazione dei turni e delle sequenze”.



Considerando a variação diamésica e a troca interacional como forma de negociação de uma mensagem entre dois ou mais interlocutores, surge um esquema semelhante ao proposto a seguir:

INTERAÇÃO	
ESCRITA	FALADA
Em ausência	presencial/ à distância

A tese proposta neste trabalho é que, hoje em dia - embora a variação diamésica esteja intimamente ligada aos outros eixos da variação sociolinguística e embora fala e escrita continuem a ter referências prototípicas - as interações não sejam inteiramente afetadas pelo meio, mas sim pelo campo e pelo teor da interação linguística. Para confirmar a nossa tese, serão nas próximas seções analisados alguns trechos de entrevistas do político Jair Bolsonaro; nomeadamente, entrevistas presenciais e à distância.

3. A interação (desigual) presencial político-jornalista

Serão nesta seção apresentados e analisados alguns trechos de entrevistas que Bolsonaro deu em algumas ocasiões oficiais ou de entrevistas que o político brasileiro aceitou dar para a imprensa nacional (seja pequenas estações de rádio e TV online, ou em programas online de canais oficiais do governo). As transcrições³ usam as normas de Jefferson (2004) e indicam apenas dois interlocutores, a ser J (o/a entrevistador/a) e B (Bolsonaro).

3.1. A entrevista presencial político-jornalista não programada

Consideremos o exemplo (1) de uma conversa presencial em que o presidente brasileiro responde a uma pergunta feita por um dos repórteres à sua frente:

1. J: Presidente, hoje tivemos mais de 300 mortes quantas mortes o senhor acha que... =
B: = Ó, ô, ô, cara. Quem fala de... eu não sou coveiro, tá? (presencial)

3. Quero agradecer a professora Carolina Ribeiro Serra (UFRJ) pela revisão das transcrições.



Em (1), diante de uma pergunta não programada previamente, o locutor fala para seu alocutário de forma horizontal, coloquial, sinalizando um claro rebaixamento do registo em relação às expectativas relativas ao *frame* “entrevista” (isto é, a interação entrevistador-entrevistado). A resposta do político brasileiro exprime uma forma de irritação pelo conteúdo da pergunta no momento em que sobrepõe a sua fala cortando, assim, a elaboração da questão por parte do jornalista. Bolsonaro, decidindo o teor da troca, desfruta um dos elementos lexicais da pergunta para evitar responder de forma sarcástica: a implicatura que liga os mortos à função de Coveiro é desfrutada pelo político brasileiro para fechar o assunto de forma cínica (cf. Grice 1975; Marcuschi 1999). É evidente quanto a interação neste primeiro caso se desenvolva no nível interpessoal mais do que no nível ideal - pelo menos por parte do entrevistado.

Nos exemplos a seguir, de outra entrevista presencial em que o presidente Bolsonaro responde a perguntas de repórteres, o primeiro turno é do entrevistado e é relatado a seguir (es. 2) como tópico dos turnos subsequentes.

2. B: *Maioria é uma coisa e minoria é outra. A minoria tem que se calar. Eu quero é respeitar a maioria, e não a minoria, tá entendendo? Daqui a pouco falar que é um direito dos pedófilos... pô... eh... não serem molestados enquanto ‘tiverem fazendo os seus atos. Nós temos que...*

J: *Mas pedófilo é diferente.*

B: *Olha, não não tem nada diferente. Maioria é uma coisa minoria é outra. Minoria tem que se calar, se encurvar à maioria. Acabou.* (presencial)

O exemplo (2) demonstra um claro desvio linguístico do que seria de esperar como produção típica de linguagem política institucional. Uma resposta ainda caracterizada pelo tom perentório, pelo uso de expressões atribuíveis a um registo coloquial (*tem que se calar*). O entrevistador tenta levar o entrevistado de volta ao tema da questão (os direitos civis) com a afirmação de que o tema da pedofilia não tem nada a ver com o tema dos direitos civis (*mas pedófilo é diferente*). A resposta do político é lapidária: *não tem nada diferente*. Uma resposta que revela a falta de negociação entre entrevistado e entrevistador e a vontade do primeiro de gerir a interação. Com o enunciado *Olha, não não tem nada diferente*, o entrevistado encerra a troca com o interlocutor e retoma sua visão da relação entre maioria e minoria da população. Mesmo o uso do verbo *acabar* dá a este turno conversacional um



tom perentório que estabelece os papéis na interação e a impossibilidade de se pensar uma posição alternativa à sua (cf. Marcuschi, 1999).

3. J: *Deputado, o que é que os movimentos sociais acabando se dando um beijo? [falas sobrepostas]*

B: *Eu quero respeitar é a maioria e não a minoria, cê tá entendendo? Olha, quando eu falo em pena de morte, é que uma minoria de marginais aterrorizam a maioria de pessoas decentes. Quando se fala em menor vagabundo como esse que foi que foi preso lá no poste, no Rio de Janeiro, cê tem que ter uma política para aprisionar esses cara. Buscar a redução da maioria penal e não defender e não defender esse marginais como se fossem excluídos da sociedade. Não são excluídos são vagabundos são que deve ter um tratamento adequado. A minha comissão não vai ser espaço para defender esse tipo de minoria.*

J: *Então o Sr. é já o presidente? É isso?*

B: *Não não vou... aqui quem decide a presidência não é o presi/ não é aaah... a presidência não é o pres' da casa. Quem decide é o líder do respectivo partido. E o Eduardo Afonso garantiu caso caiba a mim e ao meu partido, eu serei o candidato do mesmo.*

Em (3), podemos notar como o entrevistado, continuando nas mesmas posições, afirma o quanto suas declarações apresentadas na resposta anterior são parte integrante do discurso dos direitos civis (que entrevistador e entrevistado estão supostamente realizando nessa interação). Neste trecho (3) da mesma entrevista presencial, podemos ver como a tentativa, por parte de um dos jornalistas presentes, de retomar o tópico discursivo (o dos direitos humanos), o entrevistado continua redefinindo o tópico de acordo com suas necessidades de comunicação. Os papéis previstos pelo *frame* não são respeitados por falta de participação do entrevistado; uma falta de negociação que se dá inteiramente ao nível linguístico por meio de um diálogo direto com o entrevistador em que a interação entrevistador/entrevistado é tanto o destinatário *in praesentia* quanto o público que terá acesso, pela mídia, às declarações do político brasileiro.

4. J: *Deputado, agora há pouco tempo, teve uma manifestação aqui... =*

B: *= Ah é? Pô, não me avisaram. Contra o beijo gay?*

J: *Não, contra... a favor do beijo gay.*

B: *A favor do beijo gay? Ô, pode beijar à vontade. Pode se beijar à vontade. Não podemos... A minha briga não foi contra homossexuais e sempre foi contra o material escolar. No' no podemos' estimular criança a partir dos 6 anos idade de a serem homossexuais como o governo do PT vem fazendo.*



No trecho (4), podemos notar a forma coloquial com que o entrevistado expõe a sua visão à pergunta da jornalista. Na primeira interação, Bolsonaro não deixa a jornalista concluir a sua pergunta equivocando, assim, a mesma pergunta. Um claro sinal de informalidade que não prevê uma diferença de papéis entre os interlocutores (cf. Marcuschi 1999; Marcuschi & Dionisio 2005).

5. *J: qual é a sua proposta para o homossexualismo?*

B: Proposta nenhuma. Se você se dep... por exemplo se um homossexual for maltratado, violentado a pena é o mesmo, né? Para a pessoa que violentar ou maltratar um heterossexual. Por que você agora quer superpoderes e são semi-deuses qualquer problema que acontece, né? O elemento tá assaltando tá roubando e de repente descobre que ele é homossexual e é morto... Ah é homofobia. Isto não existe.

Em (5), notamos a imediatez da troca face a face em que o entrevistado responde à pergunta, posta pelo jornalista, por meio de uma frase elíptica que lhe permite destacar a sua posição sobre a questão: *nenhuma*. Logo em seguida, o entrevistado justifica sua posição construindo, de forma extemporânea, outra unidade discursiva. Após uma primeira reformulação (*Se você se dep ... por exemplo se um homossexual for maltratado*) o entrevistado constrói seu discurso decompondo uma frase complexa em duas frases e movendo a pergunta retórica antes da suposição (*se um homossexual for maltratado, violentado a penalidade é o mesmo, né? Para a pessoa que violentar ou maltratar um heterossexual*) demonstrando novamente uma elaboração da mensagem que encontraríamos numa conversa espontânea e não numa situação pública em que uma figura da política nacional fala com jornalistas.

A desigualdade de *status* entre os interlocutores se concretiza no estilo utilizado entre os participantes da troca dialógica: a relação oblíqua entre o locutor (o político Bolsonaro) e seus alocutários (os jornalistas) é claramente favorável ao locutor devido ao papel que desempenha (ver Orletti, 1994, 2000). Em todos os exemplos, a diferença de posições se expressa no uso das formas alocutivas utilizadas: enquanto os jornalistas tratam o entrevistado com o título de deputado ou Presidente (conforme a carga que o político tinha na altura da entrevista), Bolsonaro dirige-se aos jornalistas com a forma pronominal de terceira pessoa (você): forma alocutiva típica no português brasileiro, mas significativa, neste caso, de uma relação assimétrica entre os interlocutores.



3.2. A entrevista presencial político-jornalista programada

Os exemplos propostos até agora são trechos de uma entrevista que Bolsonaro deu a jornalistas em uma situação pública na qual não pôde evitar suas perguntas. Uma vez eleito presidente do Brasil, o político brasileiro não concedeu entrevistas que não tinham sido previamente agendadas. Um exemplo deste tipo é proposto a seguir como exemplo de interação face a face entre entrevistador e entrevistado em um canal online TV Brasil⁴.

6. J: *A TV Brasil entrevista o presidente da República Jair Messias Bolsonaro. Nós vamos falar sobre esse último ano de governo, as expectativas pra 2022. Presidente que já conversou com várias outras emissoras de TV, rádio, também inclusive esteve na Voz do Brasil recentemente. Agora, tá na hora de conversar um pouquinho com a TV Brasil. Boa Noite, presidente.*

B: *TV que tá em quinto em audiência, né?*

J: *tamos subindo.=*

B: *= (ver que está em quinto) tá subindo por quê? Espaço destinado à verdade. Quem faz comentário não somos nós, é quem tá nos assistindo aí. então obviamente que essa credibilidade impulsiona a TV Brasil.*

O exemplo (6) demonstra como, imediatamente após as saudações habituais do entrevistador ao entrevistado, o entrevistado responde não com saudações, mas com um comentário positivo sobre o sucesso gradual do canal de televisão do qual é convidado. Podemos considerar essa primeira troca como uma quebra do *frame* entrevista. Imediatamente após a saudação do jornalista e a apreciação positiva da rede de televisão pelo trabalho realizado, o entrevistado decide o primeiro tópico quando continua falando sobre o mesmo tema desenvolvendo o que foi dito no turno anterior: *tá subindo por quê? Espaço destinado à verdade. Quem faz comentário não somos nós, é quem tá nos assistindo aí. então obviamente que essa credibilidade impulsiona a TV Brasil.* Nesta primeira fase, portanto, o entrevistado quebra a dramatização. Além disso, ao expor sua opinião positiva sobre o trabalho do canal de televisão, o entrevistado decide se posicionar em um nível diferente daquele do jornalista. É evidente o fato de se tratar de uma

4. É importante salientar que a TV Brasil é a rede de televisão pública do Poder Executivo Brasileiro, ou seja, ela pertence à Empresa Brasil de Comunicação (EBC), como parte do conglomerado de mídia do governo do país. A possibilidade de o presidente Bolsonaro ser pressionado é reduzida, o que justifica a postura não intimidadora do jornalista; e por ela mesma fazer parte de seu governo, justificam-se os elogios à emissora que implicam elogios a sua própria gestão.



entrevista planejada em que o espaço dado ao entrevistado é muito maior que o do entrevistador.

Com efeito, no exemplo (7) há um espaço de resposta muito grande, comparado ao tempo para a formulação da questão. A quantidade de unidades discursivas dos dois turnos nos diz que é dado ao entrevistado o tempo necessário para poder se expressar e que, portanto, o tempo de resposta é administrado por este - outro elemento de quebra do *frame* entrevista em que o “gerente” da entrevista deveria ser o entrevistador (cf. Orletti, 2000). Em um espaço de resposta ilimitado, o entrevistado replica rapidamente à pergunta para depois se debruçar sobre as razões dos dados econômicos presentes na pergunta sem nunca ser interrompido por seu interlocutor: neste caso fica claro o peso diferente que os interlocutores têm nessa interação. A natureza discursiva da entrevista - como que para sublinhar o fato de que não é uma entrevista, mas uma conversa - já está presente na exortação do entrevistador para começar falando de economia (ver Marcuschi & Dionisio 2005; Marcuschi 2008). A resposta do político brasileiro, neste caso - e diferentemente dos exemplos anteriores em que responde a perguntas não programadas - reflete um planejamento mínimo por meio de uma primeira unidade discursiva em que ele responde à pergunta e um desenvolvimento do tópico econômico no restante do seu turno conversacional. Em uma conversa coloquial, o entrevistado solicita que o entrevistador tenha participação ativa no processo de elaboração do discurso: compare-se a exortação e o uso da construção *ter que* (*Agora você tem que voltar um pouquinho antes*) e o restante dos fatos relatados que têm a primeira pessoa do plural como sujeito. Neste caso, o diretor da dramatização é o político que decide o papel do outro (o jornalista tem de entender os fatos expostos). Mais uma vez, podemos ver como o político brasileiro se relaciona com seu interlocutor como representante da mídia, isto é, como uma caixa de ressonância pelas próprias ideias.

7. J: *Presidente vamos começar falando sobre o PIB é os números ainda não estão consolidados, mas a expectativa é que o Brasil tenha fechado 2021 com crescimento entre 4,5 e 5%. A que o senhor atribui esse crescimento?*

B: *Olha é o trabalho da equipe econômica e um governo que leva a sério as questões que são afetadas a nós. Nós não buscamos aqui maquiagem o número, fazer nada além disso. Agora você tem que voltar um pouquinho antes. Pegamos 2019 um Brasil com sérios problemas éticos, morais e econômicos. Tomamos muitas medidas. Lamentavelmente, hein? Veio 2020. A pandemia, onde nos endividamos na ordem de 600 bilhões de reais com recursos para combater a pandemia. Foram*



muito difíceis com muitas pessoas que nos deixaram A gente lamento tudo isso aí. Mas terminamos quase no zero a zero. No tocante ao PIB, em 2020, né? O mercado apostava que a gente ia perder dez por cento. Perdemos quatro e pouco. É um número ruim, sim? Mas em relação ao mundo foi um número fantástico. E continuamos trabalhando apostando no livre mercado e na confiança que o mundo tem para com Brasil com a nossa política. Então terminamos agora 2021 na certeza de 'tá acima de quatro por cento é um número fantástico que no momento eu cumprimento todos empreendedores os empresários do Brasil o trabalhador também que acreditou no seu país e trabalhou.

A postura do entrevistador – alinhada com a do entrevistado⁵ – se reflete na atribuição do crescimento econômico a números e expectativas (dos analistas), colocando-se assim como simples portador da análise dos demais. No trecho (8), o entrevistador muda de postura ao pedir ao presidente Bolsonaro, como se fosse um pedido pessoal, para falar da entrada do Brasil na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. A construção da pergunta na forma de solicitação de um jornalista (*eu queria*) por meio do uso atenuante do condicional serve para simular um diálogo em que o presidente responde a pedidos de informação da mídia nacional. A interpretação dos fatos e as previsões do futuro são exigidas do entrevistado com base nas políticas trabalhistas do governo Bolsonaro e, neste trecho, a atenção do presidente se desloca para o uso de uma linguagem setorial que ajunta valor ao conteúdo de seu turno. Na resposta do entrevistado podemos ver como Bolsonaro junta elementos linguísticos consideráveis como linguagem especialista (usada por profissionais no âmbito da economia e das finanças) com termos ligados à afetividade (*namoro, noivado, companheiro, carinho*). O entrevistado consegue usar o espaço da entrevista de forma a promover as próprias políticas econômicas sem intervenções por parte do jornalista.

8. J: *Recentemente nós somos aprovados na OCDE. Provisoriamente ainda. Eu queria que o senhor explicasse para a gente a que o senhor atribui essa aceitação e na prática o que é que isso significa para economia do país.*
 B: *Olha, o início da OCDE nasceu no governo Temer é um namoro um noivado muito longo até chegar o casamento conosco agora chegamos ao noivado o todos os países 38 países deram sinal verde para que a OCDE negociasse conosco a nossa entrada então isso é uma prova que o mercado*

5. É importante lembrar as relações entre a emissora e o entrevistado.



acredita na gente que a nossa política externa é muito boa. Diferentemente do que diz a grande mídia e essa entrada na OCDE é um carinho ali de um de um bom companheiro para negócios, Né? para investimentos isso tudo facilita aqui a vida do Brasil no comércio com o Mundo. Vai demorar esse namoro esse noivado agora acreditamos sim entre em média quatro anos, né (.) a partir de 24 25 se tenha concretizado essa entrada do Brasil na OCDE.

A mesma análise pode ser proposta pelo exemplo (9) onde, no entanto, o processamento da questão parece interessante: a pandemia está associada aos Nós; sucessivamente, é o *Brasil* que consegue fechar 2021 com quase três milhões de novos empregos criados no país; criando assim dois níveis de *storytelling*, um com um fundo negativo em que a participação torna o problema comum a todos e um fundo positivo em que, quase como propaganda, é o Brasil, a nação que tem milhões de novos empregos.

9. J: *Presidente, nós entramos no terceiro ano da pandemia e mesmo assim o Brasil conseguiu fechar 2021 com quase 3 milhões de novos empregos criados gerados aqui no País É Esse é um sinal opinião do Senhor de que o pior já passou?*

B: *Tem que voltar 2020, he? é quando realmente a pandemia veio para valer em março eu falei com a equipe Econômica fui prontamente atendido que nós devemos combater o vírus e o desemprego também Então em 2020 foi marcante para nós dois programas o tal do bem e o (pronamp) um de autoria do senador Jorginho Mello do lá de Santa Catarina nós nós mantivemos 11 milhões de emprego no Brasil e ajudamos também então os micro e pequenos empresários a negociar com os seus empregados para que eles não fosse demitido muito dinheiro do Governo Federal para manter esse pessoal empregado então terminamos 2020 no zero a zero. 2021 logicamente esses programas continuaram não perdemos emprego e cada vez mais fomos conscientizando a todos do Brasil que não podíamos ficar em casa como queriam como impuseram muitos Governadores com aquela política de lockdown. Então o mercado voltou a funcionar com mais força aí a resposta em números tá aí: terminamos 2021 com dois milhões e setecentos mil empregos além do PIB crescendo acima de 4 por cento.*

Em (9) como em (7), o entrevistado dialoga com seu entrevistador dando as coordenadas temporais para entender a resposta. A forma usada (*tem que voltar 2020, he?*) exprime mais uma vez um estilo informal de se aproximar aos assuntos de política nacional com uma forma de expressar que coloca o entrevistado na posição de quem sabe e o entrevistador na posição de quem deve acompanhar para entender o que não sabe. De outra forma, podemos afirmar que o político brasi-



leiro usa a estratégia linguística dos pedidos diretos para marcar a sua posição de poder, já que a maioria da literatura no âmbito da análise da conversação considera tratar-se de ambiguidade por parte dos políticos face as perguntas postas (cf. entre os outros Feldman & Kinoshita & Bull, 2015; Bavelas & Black & Chovil & Mullett 1990).

Pelos exemplos acima, parece que a elicitação mencionada por Cicourel (1988) não está presente na entrevista face a face nesta análise considerada (nos exemplos 6-8). Parece que, a partir de uma posição subordinada, o jornalista dá ao entrevistado, a oportunidade de apresentar suas considerações sobre os fatos políticos nacionais e comentá-los sem qualquer orientação do jornalista. Este último funcionando apenas como uma “máquina fónica”⁶.

A última observação nos permite sublinhar como um aspeto a ser examinado diz respeito ao *continuum* distanciamento/envolvimento dos jornalistas: no caso de perguntas dirigidas ao político brasileiro em reunião pública, o envolvimento dos jornalistas é mais evidente quando pretendem uma resposta direta e clara às próprias perguntas e um distanciamento maior quando desempenham o próprio papel apenas como “máquinas fónicas”. Nos excertos (6 - 9), parece evidente como o entrevistador (seguindo a distinção proposta por Goffman, 1971, 1981) pode ser considerado neste trabalho apenas como um simples reprodutor do pensamento alheio (Orletti, 2000); um distanciamento que, no entanto, deve ser contextualizado na relação do político brasileiro com a mídia nacional.

3.3. interação político-jornalista à distância

Como já afirmado anteriormente, as interações em que é previsto que o presidente brasileiro se conecte para ser entrevistado são claramente entrevistas aceitas pelo presidente e, portanto, não existe a possibilidade de termos uma diferença entre entrevista à distância programada e não programada (como foi possível apresentar na secção anterior). Contudo, considerando apenas as entrevistas online como entrevistas planejadas, é possível evidenciar os mecanismos atrás de uma entrevista em que o peso do entrevistado é maior do que o peso dos entrevistadores. Consideremos o exemplo a seguir que nos oferece um caso de troca à distância um para um (ou seja, um jornalista e o político nesta secção considerados):

6. Ver Goffman 1971, 1981 sobre a decomposição do falante em três atividades de produção.



10. J: *Olá, bom dia Presidente. Eu gostaria de agradecer o tempo disponibilizado pra falar conosco.*

B: *Eh bom dia. É uma boa oportunidade... eu sempre gosto de conversar ao vivo, né? Porque a gente evita edições e fica algo mais mais sincero pr'a população. Eu estou aberto aqui aos temas que vocês achar/julgarem necessário. Eu apenas evito falar de... questões políticas ou partidárias porque estamos em ano de eleições... isso aí só atrapalha todos nós, né?*

No trecho, o jornalista cumprimenta e agradece o entrevistado por aceitar um encontro *online*. Também neste caso, o entrevistado se debruça sobre sua saudação, estabelecendo os temas que está disposto a discutir e aqueles a que não pretende responder. O peso diferente dentro da interação ainda é definido, logo no início da entrevista, pelo entrevistado (e não pelo entrevistador). A direção da entrevista é dada pelo entrevistado que alerta o jornalista sobre os riscos de uma gravação que pode ser editada posteriormente. Ressalte-se ainda que nessas entrevistas agendadas, o presidente brasileiro nunca é interrompido em sua resposta. Um caso muito interessante de direcionamento do entrevistado também está presente no exemplo abaixo:

11. J: *Eu quero começar falando, presidente, de eleições 2018.*

B: *(risos)*

J: *em 2018 o senhor foi eleito ali na esteira no antipetismo, anticorrupção e pro lavajatismo. Passando esses três anos, muitas coisas aconteceram e aquela força ali que elegeu o senhor em 2018 se fragmentou, temos um grupo agora pro Moro e um grupo pro Bolsonaro. o senhor é certo que as pesquisas eleitorais, mas as pesquisas eleitorais têm colocado aí Lula liderando as pesquisas em 2022. O senhor acredita que no cenário porque hoje o que está claro é que nenhuma (.) nenhuma (.) nenhum candidato de terceira via tem força pra fazer oposição contra o senhor e contra Lula. Num cenário de segundo turno, o senhor acredita que essas forças são capazes de se realinhar? Outra questão é //*

B: *// Não, dá/dá uma paradinha aqui (es)pera um pouquinho aqui, né? Vamô responder essa parte aí?*

J: *Tá.*

B: *Vamô lá. Senão confunde até quem tá nos ouvindo aí. Primeiramente eu não chego não apareço em 2018 e falei que Sou a favor da lava jato e vou combater a corrupção e me eleger, não foi isso. A mi'a história começa muito tempo... Eu Tô com 66 anos de idade, 28 anos dentro do parlamento. Nenhum problema no parlamento sobre acusações de qualquer coisas errada da minha parte. Apesar de ter respondido quase 20 processos por questões de ética todos foram por ocupar a tribuna e os processos foram movidos pela esquerda. Sempre tive uma bandeira*



muito forte em defesa da família, dos bons costumes, defesa das crianças em sala de aula, contra a ideologia de gênero, favorável ao armamento, de valorização do teu país, e des/e essas questões todas me levaram a me tornar conhecido perante o povo brasileiro. É... não tive marketeiro na minha campanha. Quem fez meu marketing foi os filho meu. O Carlos. Eu comecei a andar o Brasil imediatamente após a reeleição de Dilma Rousseff. Eu comecei a me preparar sozinho, não tinha/ não tinha.. quem 'tava do meu lado era pessoas humildes, tá?. O deputado federal e mais quase ninguém. Então nós começamos a andar pelo Brasil mostrando aí o que era a nossa pátria, onde poderiamô chegar e onde poderia mudar. e usei um versículo bíblico sobre a verdade mostrando a verdade para a população. Assim foi a minha chegada em Manacapuru coração da Amazônia chegando sozinho no porto, pessoal olhando pra mim a dizer quem é esse maluco chegando aí, hein? Candidato a presidente. Eu também olhando pra eles, o que é que esses caras aí estão vendo em mim pra tá essa turma toda me esperando no porto, não é no aeroporto não. E assim foram (.) dezenas de visitas pelo Brasil no crescente cada vez maior. E a população acreditou em mim como Acredita hoje em grande parte acredita em mim também é porque a gente leva sempre a verdade ele quer discutir preço de combustível, discuto, não tem problema nenhum. O preço da energia. As questões da pandemia que virou virou um tabu, você não pode criticar nada no tocante a... aos métodos de de combater o vírus hoje em dia. Não pode falar nada. Você pega a tua página, você é bloqueado, você consegue receber ataques violentos por parte da grande mídia, então, isso tudo a maneira de (você/de eu ser) me levou à presidência. E uma coisa muito importante. Eu acho que vocês sabem, né? Mas é bom/sempe bom reforçar: vocês nunca viram na história do Brasil um ministério do... (quilate), né? um ministério do tipo que eu tenho. [...] eu vou parar esta resposta aqui para vocês continuarem para ser um debate, para não ser um monólogo... eu também tenho usado uma passagem bíblica "Por falta de conhecimento o meu povo pereceu".⁷

Mais uma vez, aspetos externos à interação, ou seja, os papéis sociais dos interlocutores moldam o evento comunicativo. O conflito entrevistado/entrevistador fica evidente na risada do presidente diante do tema apresentado pelo jornalista com uma afirmação de vontade. O presidente sobrepõe ao primeiro turno da jornalista, uma risada que não interrompe a entrevistadora que pode, assim, continuar a contextualizar sua pergunta e propor imediatamente outra pergunta. A tentativa da jornalista de fazer duas perguntas ao presidente é

7. A resposta do entrevistado foi cortada neste trabalho para destacar apenas as partes interacionais que nos interessam no momento, mas é importante ressaltar que desde o início da resposta até o final de seu turno, o presidente Bolsonaro fala sem parar por cerca de dez minutos, sem qualquer tentativa de interação por parte do interlocutor até que ele saia de seu turno por uma clara pausa de conclusão.



malsucedida porque o entrevistado interrompe sua interlocutora para gerenciar os turnos e responder imediatamente à primeira pergunta⁸. Tomamos aqui as palavras de Orletti (1994), afirmando que os papéis na interação/entrevista “não são dados de uma vez por todas, mas sim, confirmados e sustentados momento a momento pelos interagentes através de seus comportamentos internacionais”⁹ (p. 74). As interrupções presentes nos exemplos são claramente reflexo das relações de *status* entre entrevistador e entrevistado, pois nos encontramos em todos os casos de interrupções competitivas com as quais o presidente brasileiro indica um poder social e interpessoal superior ao de seus entrevistadores (Bazzanella, 1994).

Consideremos, a seguir, a interação remota com vários jornalistas para tentar fazer um paralelo com a entrevista em que o presidente brasileiro responde às perguntas de um grupo de jornalistas ali presentes, em evento do qual participou.

12. J: *Presidente voltando um pouco aqui a um assunto recorrente que o senhor fala muito durante as entrevistas e conversas com seus apoiadores é a liberdade de expressão é nessa entrevista de hoje em mais de um momento você mencionou que nós temos nós do nosso lado as redes sociais e também o outro lado não aceita o contraditório a minha pergunta vai no sentido o que o governo tem feito justamente pra garantir as nossas liberdades principalmente a liberdade de expressão ou vendo que visto que nos últimos anos ela tem sido constantemente atacada, né? eu sei que o governo editou uma Medida Provisória da Liberdade expressão que proibiria as plataformas de redes sociais de retirar conteúdo dos usuários que não fosse por medida judicial e a gente tá vendo também uma perseguição constante pra jornalistas ab blogueiros como ele gostam de usar também, né pessoas comuns que emitem suas opiniões nas redes sociais e estão sendo canceladas proibidas perseguidas até mesmo respondendo a inquéritos. O que o governo vem fazendo em relação justamente para garantir e proteger nesse momento que precisa de proteção das nossas da nossa liberdade expressão.*

B: *Olha, até aquela medida provisória olhei com atenção ela, basicamente a gente copiava dispositivo da própria constituição. O problema nosso não é legislação é por parte de algum do judiciário (.), tá? Que resolveu simplesmente ignorar pra tudo e a todos e ele ser a constituição, e ele ser a lei (.), tá? O que a gente faz aqui no Brasil? Um trabalho de convencimento. Cada vez mais, o povo vai entendendo como funciona as coisas do Brasil e qual o papel*

8. Para o fato do entrevistado esperar para falar até que seja produzida uma pergunta “reconhecível” pelo entrevistador ver Heritage & Greatbatch, 1991.

9. “I ruoli nell’interazione non sono dati una volta per tutte, ma sì, confermati e sostenuti momento per momento dagli interagenti attraverso i loro comportamenti interazionali”.



dele. E::: é o de bom que acontece nisso tudo é um aperfeiçoamento, né? O entendimento de ir para onde estávamos indo e para onde já estaríamos se o Haddad tivesse no meu lugar. A gente não vai sucumbir porque tudo tem um limite. Eu lamento a prisão do jornalista. Trovão tá preso ainda. Roberto já está preso ainda. Isso é uma violência sem tamanho praticada por um Ministro do Supremo Tribunal Federal que agora abriu mais um inquérito contra mim em função de uma live que eu fiz eh há poucos meses é o abuso é que eu disse ele tava no quintal de casa. Será que ele vai entrar? Será que vai ter coragem de entrar? Não é um desafio para ele quem tá avançando é ele, não sou eu. agora isso interessa a todo mundo no Brasil Quer ver uma das coisas que me conforta. e é bom o povo tomar conhecimento aqueles que nem crítico me criticam, né? nós fala “eu apoiava esse cara não apoio mais. Direto teu, cara. Para Mas não se esqueça de uma coisa tá? Se no meu lugar tivesse o Haddad ele tinha acabado com o Brasil. Na Argentina foi semelhante. Eu tive várias vezes conversando com o então Presidente Markl e a linha adotada por ele, né? Ele se elegeu numa situação pouco parecida com a minha, mas não conseguiu mudar o destino da Argentina na velocidade que o povo queria esse mesmo povo começou a atirar pedra nele. O que aconteceu nas eleições? E aí veio a esquerda veio a turma do Folha de São Paulo veio até a Cristina Kirchner, né? Do mesmo time do Evo Morales do Maduro do Falecido Chaves do presidente da Bolívia ali o Evo Morales. Essa turma toda turma do Lula turma mandou do Dilma. Então os cara tem que entender, o leitor entende ou não né é que é a forma como ele age muitas vezes é quem vai pagar o preço altíssimo na ponta da linha é ele. Quando você fala todo poder emana do povo é bacana pra caramba, né? eu vi o povo dentro de casa por decreto municipal que botou a sua guarda na rua com cacete o cara ficou dentro de casa igual Um Cordeirinho. e a maioria queria sair à rua, não saíram porque? E que poder é esse que vocês têm do povo? então o poder emana do povo e é exercido por seus representantes No caso eu Sou um representante aqui agora o Brasil é um Transatlântico o pessoal quer que dê um cavalo de pau dele não dá para dar um cavalo de pau nele. E olha o poder que cai na mão do Presidente o ano que vem e eu vou nomear uns 80 desembargadores para a criação do TRF seis até do o jornal O Globo fez uma matéria que eu vou escolher pelo critério ideológico da direita não vou escolher pessoal do PSOL para botar lá finaliza a tríplice Quem foi o final do PSOL? Bota esse cara lá Então a gente vai mudando as coisas como eu disse pra você duas vagas para o Supremo Tribunal Federal. Tem duas vagas para o STJ agora no início já era para ter sido preenchida O STJ que decide a lista e quando manda para mim que vai ser decidido o ano que vem a gente vai escolhendo gente com perfil era parecido com essa maioria que votou em mim a gente vai mudando as coisas agora que que eu posso fazer algo além disso né eu sou a barreira final nós sabemos que para o sistema no interessa uma possível



reeleição minha não interessa mesmo não interessa porque aí tu vem pegar as estatais 2015 e 2020. Lá atrás dava prejuízo. [...] tem coisa no governo que não conseguimos resolver ainda você pega aí os... como é que é o nome do senhor saúde diz na ponta da linha que atende aí Amazonas basicamente e Roraima é o DS4 a gente quer voltar para uma pessoa competente decente eu não aceita porque vão me matar essa é verdade vão me matar agora o que que entende que pode estar acontecendo lá é a empresa de táxi aéreo para transportar índio transporta índio ou transporta quem quem tá mandando aquele cara lá não consegue resolver muita coisa você não consegue resolver tá? e Mais mesmo assim a gente vai fazendo o possível quando você vê um índio eu vou lá eu tive há poucos meses tive lá com Os tucanos os Caiapós, né coloquei já fica tranquilo que eu falar aqui não vai cair não eu perguntei, né? pro covid o quê que Vocês tomaram para combater o covid e responderam para mim tomamos chá de saracura muriá, carapanaúba ou jambú onde eu perguntei alguém morreu aí ninguém morreu e ninguém morreu então quando você vê essas pessoas, né? seres humanos Alguns são tão desenvolvidos como nós como é que você pode roubar essas pessoas tá? eu quero mais pede para gente a internet e saúde e você não tem como atender não tem como atender por falta de gente não é coragem não Quase que coragem falta de um parafuso para poder administrar esse daí então a corrupção passou a ser um direito né, de algumas pessoas aqui no Brasil.

Em (12), a pergunta do entrevistador é composta por vários períodos, é comprida e coloca os fatos de forma a dar uma posição de força ao entrevistador. Neste caso podemos ver como o jogo dos diferentes pesos entre os interlocutores não é totalmente a favor do entrevistado (pelo menos pelo espaço de expressão que o entrevistador tem nessas interações). Em contrapartida, a resposta do político tem pouco a ver com a questão posta na pergunta: Bolsonaro aproveita o seu espaço de resposta - que também neste caso não prevê interrupções pelos jornalistas - para divagar entre os tópicos que mais consegue inserir na resposta. A partir do tema da liberdade de expressão, Bolsonaro se debruça até incluir na resposta a situação de vários países sul-americanos para justificar a situação atual do Brasil. Também, neste caso, podemos ver como – não interrompido o entrevistado em sua resposta – as relações de poder sobressaem desta interação.

A possibilidade de Bolsonaro de se exprimir por meio de longos turnos lhe permite “se mover” entre os temas como mais lhe agrada. De modo geral, em uma primeira unidade discursiva ela responde à pergunta. Posteriormente e sem soluções linguísticas particulares,



o presidente brasileiro passa para outros tópicos nem sempre estritamente ligados à questão (sem interrupção do jornalista tanto na entrevista presencial quanto na remota). Por meio de perguntas que parecem funcionar mais como gatilhos para atividades de propaganda, Bolsonaro destaca os diferentes pesos sociais dos atores no palco.

4. Algumas observações sobre a produção linguística do entrevistado

A produção linguística do político brasileiro é marcada diastraticamente e diafasicamente apresentando vários traços que a sociolinguística brasileira identifica como atribuíveis a várias variedades linguísticas: ora informal, ora popular. Fenômenos desse tipo são a falta de concordância nominal entre o núcleo do sintagma nominal e as demais partes que o compõem. Vejam-me, apenas a título exemplificativo, os seguintes excertos.

Fala informal/não monitorada:

1. Daqui a pouco \emptyset falar que é um direito dos pedófilos
2. não serem molestados enquanto 'tiverem fazendo os seus atos.
3. No' no podemos estimular criança a partir dos 6 anos idade de a serem homossexuais...
4. cê tem que ter uma política para aprisionar esses cara.
5. isso aí só atrapalha todos nó, né?
6. Vamô responder essa parte aí?
7. Porque a gente evita edições e fica algo mais mais sincero pr'a população.

Fala popular:

1. cê tem que ter uma política para aprisionar esses cara.
2. Não são excluídos são vagabundos são que deve \emptyset ter um tratamento adequado.
3. Nenhum problema no parlamento sobre acusações de qualquer coisas errada da minha parte.
4. Quem fez meu marketing foi os filho meu. O Carlos.
5. Aqueles que nem crítico me criticam, né? Nós fala \emptyset “eu apoiava esse cara não apoio mais” Direito teu, cara.



Do ponto de vista interacional, é possível destacar traços típicos da fala espontânea informal, típicos de uma conversa: em (1), está presente o sinal discursivo *ô* - com valor fático - repetido para sinalizar a tomada de turno (ver Sacks *et al.*, 1974; Levinson, 2013) e para o processando da sua resposta. Outro sinal de um estilo informal é dado pela presença do marcador interacional *tá*, usado pelo falante para encerrar sua afirmação com um pseudo-pedido de aceitação positiva (do conteúdo proposicional) pelo destinatário (ver Risso, 1996; Martellotta, 1997).

No exemplo (2), é possível observar a passagem de uma comunicação institucional para uma conversação vulgar por meio de uma construção frasal simples que reflete a rapidez dos turnos de resposta do entrevistado. Uma resposta caracterizada pelo uso de frases clivadas (*Eu quero é respeitar a maioria*¹⁰) e marcadores discursivos para fechar o turno dialógico (na última posição do enunciado) com uma função de aceitação positiva do conteúdo proposicional expresso pelo entrevistador (*tá entendendo?*), ali colocado para indicar uma substancial falta de alternativas ao conteúdo proposicional exposto pelo entrevistado.

Em (3), a resposta é sempre caracterizada por um registo coloquial, com repetições do advérbio de negação (*Não não vou*), marcadores discursivos que levam a troca para um nível bastante coloquial em que o entrevistado interage com o entrevistador como sujeito portador de ideias opostas às suas (*cê tá entendendo?*). Por meio do marcador *olha* o entrevistador retoma o turno conversacional e redefine sua visão sobre o tema: *Olha, não tem nada diferente*. Com essa afirmação, o entrevistado encerra a troca com o interlocutor e retoma sua visão da relação entre maioria e minoria da população. Mesmo o uso do verbo *acabar* dá a este turno conversacional um tom perentório que estabelece os papéis na interação e a impossibilidade de se pensar uma posição alternativa à sua – poderíamos considerar o uso do verbo *acabar* como um dispositivo linguístico com função de fechamento (*acabou*).

Em (4), a forma com que o político entrevistado exprime as próprias posições políticas passam por uma forma linguística ligada ao efeito rápido, por meio de construções que colocam as informações de forma simples (*A minha briga não foi contra homossexuais; e sempre foi contra o material escolar*).

10. Mais precisamente, trata-se de uma pseudoclivada. Como todas as construções clivadas é típica da oralidade.



No exemplo (5) também se encontra a presença de dispositivos pragmáticos, isto é, marcadores discursivos, de confirmação positiva ao conteúdo proposicional (*né?*) com os quais o entrevistado pede a participação positiva do entrevistador¹¹. Também em (7), assim como em (8), o tom coloquial é garantido por marcadores discursivos no início do turno do político brasileiro e por uma estruturação geral do discurso por meio de frases simples. Isto permite-nos pensar que é um hábito linguístico do político abrir seus turnos por meios de elementos pragmáticos (*olha*) que lhe permitem iniciar seus turnos evidenciando o nível interpessoal dessas trocas.

A dificuldade de elaboração da mensagem por Bolsonaro se reflete em (5) por meio da apresentação de fatos e exemplos de forma lacunosa (*O elemento tá assaltando tá roubando e de repente descobre que ele é homossexual e é morto... Ah é homofobia*) - aspecto que confirma a extemporaneidade desse discurso.

Do ponto de vista das escolhas lexicais, é possível notar como Bolsonaro mistura linguagem especialista com coloquialismos e gíria comum - como demonstra o contínuo uso do termo *cara* - marcado em diatopia e típico da variedade carioca do português brasileiro (De Rosa, 2021) utilizado para dirigir-se diretamente ao interlocutor ou com valor delocutivo. Além disso, é para destacar o contínuo uso do alocutivo *você* ou da terceira pessoa para se dirigir aos jornalistas e as formas de tratamento (deputado, presidente) usadas pelos jornalistas: mais um dado que frisa as relações de poder nestas interações.

5. Conclusões

Sabemos que, sob uma perspectiva que poderíamos definir como “tradicional”, o modelo de análise de sistemas linguísticos inspirado na variação e baseado nos três parâmetros propostos por Coseriu (1973) foi posteriormente ampliado pela proposta de Mioni (1983) de adicionar a diamesia como ulterior parâmetro de variação. Com esse tecnicismo passamos a entender o conjunto de fenômenos linguísticos ligados a um determinado meio de comunicação para a influência que o próprio meio tem no processamento e transmissão da mensagem (Berruto, 2004). Pusemos “tradicionalmente” entre aspas

11. Como é possível ler na literatura sobre o assunto, os marcadores discursivos como o presente no excerto (5) servem ao locutor para manter o turno conversacional e realizar uma forma de negociação do sentido com o interlocutor. Uma negociação que, no entanto, não prevê uma resposta real do interagente.



porque, como escreve Bazzanella (2002), os atuais meios de comunicação mudaram gradualmente as velhas distinções entre escrita e fala, embaralhando as cartas. Mais, a análise proposta neste trabalho nos permite evidenciar quanto, numa interação – como as que foram exibidas neste artigo por meio de várias entrevistas – nem sempre o meio afeta a fala entre dois ou mais interlocutores. Os exemplos expostos nesta análise demonstram como as considerações acerca da variação diamésica e o respeito por quadros de interação - no nosso caso o *frame* entrevista - devem ser considerados caso por caso, sendo a troca afetada por outros aspectos contextuais: nomeadamente a postura (*footing*) dos interlocutores acerca das questões que os interlocutores negociam por meio dos próprios turnos conversacionais e a assimetria social entre entrevistador e entrevistado.

Nos casos apresentados neste artigo é patente o poder social do entrevistado em relação ao(s) entrevistador(es). O entrevistado dos nossos exemplos demonstra um uso contínuo de uma variedade informal seja qual for o tipo de interação falada a que participa. Isto nos leva a concluir que o resultado das trocas entre o político brasileiro e os entrevistadores não está ligada ao meio e a distância com que foram realizadas as entrevistas, mas com os âmbitos que as questões chamavam em jogo (o campo da interação) e o teor que o entrevistado conseguiu gerenciar na parte própria das interações.

Bibliografia

- Bavelas, J. B., Black, A., Chovil, N., & Mullett, J. (1990). *Equivocal communication*. Newbury Park, CA: Sage.
- Bazzanella, C. (1994). *Le facce del parlare. Un approccio pragmatico all'italiano parlato* Firenze: La Nuova Italia.
- Bazzanella, C. (a cura di) (2002). *Sul dialogo. Contesti e forme di interazione verbale*. Milano: Guerini.
- Berruto, G. (2004). *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*. Roma: Carocci.
- Cicourel, A. V. (1980). Three models of discourse analysis: The role of social structure. *Discourse Processes*, 3, pp. 101-132.
- Cortelazzo, M. (1994). *Lingue Speciali. La dimensione verticale*. Padova: Unipress.
- Coseriu, E. (1973). *Lezioni di linguistica generale*. Torino: Boringhieri.
- De Rosa, G.L. (2021). La banalizzazione della pandemia nella comunicazione politico istituzionale di Bolsonaro. In S. Pollicino & I.



- Zanot (a cura di), *Parole che non c'erano. La lingua e le lingue nel contesto della pandemia*, (pp. 169-182). Roma: RomaTre-Press.
- Feldman, O. & Kinoshita, K. & Bull, P. (2015). Culture or communicative conflict? The analysis of equivocation in broadcast Japanese political interviews. *Journal of Language and Social Psychology*. 34(1), pp. 65-89.
- Goffman, E. (1971). *Relations in public: Microstudies of the public order*. New York: Basic Books.
- Goffman, E. (1981). *Forms of talk*. Oxford: Basil Blackwell.
- Grice, P. (1993). Logic and Conversation, in P. Cole e J. Morgan (eds.), *Syntax and semantics*, vol. 3: *Speech acts*, (pp. 41-58). New York: Academic Press.
- Heritage, J. & Greatbatch, D. (1991). On the institutional character of institutional talk: the case of news interviews, In D. Boden, Don H. Zimmerman, (eds.) *Talk and Social Structure: Studies in Ethnomethodology and Conversation Analysis*, (pp. 93-137). Cambridge: Polity Press.
- Jefferson, G. (2004). Glossary of transcript symbols with an introduction, In Gene H. Lerner, (ed.) *Conversation Analysis: Studies from the First Generation*, (pp. 13-31). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Levinson, S. C. (2013). Action formation and ascription, in T. Stivers and J. Sidnell (eds.) *The Handbook of Conversation Analysis* (pp. 103-130). Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- Marcuschi, L. A. (1999). *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.
- Marcuschi, L. A. & Dionisio, A. P. (Eds.), (2005). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Martellota, M. (1997). Usos do marcador discursivo “tá”. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, V.1(1), pp. 89-106.
- Mioni, A. M. (1983). Italiano tendenziale: osservazioni su alcuni aspetti della standardizzazione. In AA.VV., *Scritti linguistici in onore di G. B. Pellegrini* (pp. 495-517). Pisa: Pacini.
- Nencioni, G. (1976). Parlato-parlato, Parlato-scritto, Parlato-recitato. *Strumenti critici* 29, pp. 49-78.
- Orletti, F. (2000). *La conversazione diseguale. potere e interazione*. Roma: Carocci.
- Orletti, F. (ed.), (1994). *Fra conversazione e discorso: l'analisi dell'interazione verbale*. Firenze: La Nuova Italia.



- Risso, M. S. (1996). O articulador discursivo “então”, in A. T. Castilho e M. Basílio (eds.), *Gramática do português falado*, V. 4, (pp. 423-451). Campinas: UNICAMP/FAPESP.
- Sacks, H. & Schegloff, E. A. & Jefferson, G. (1974). A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation. *Language* 5, pp. 696–735.

Vídeos:

- Bolsonaro sobre número de mortos por covid-19: “não sou coveiro”*. Uol. Youtube, 21 apr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aIpUbYjdn0>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- Bolsonaro presidente: imperdível*. Jair Bolsonaro. Youtube, 12 feb 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ybote10acL4&list=PLNBBiUvNVLld2O7HYXilATOWiLAsTrkrm&index=23>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- Entrevista exclusiva com presidente Jair Bolsonaro*. TV Brasil. Youtube, 12 feb 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d7fpueym-y4>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- Entrevista Gazeta Brasil - BR (12/01/2022)*. Jair Bolsonaro. Youtube, 12 gen 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DVfz4SICIPQ&list=PLNBBiUvNVLld2O7HYXilATOWiLAsTrkrm&index=25>. Acesso em: 20 feb. 2022.
- Entrevista com Bolsonaro: traição, eleições, vacina, economia e muito mais*. Gazeta do Povo. Youtube, 9 dic. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CsvxMUXJTrM&list=PLNB-BiUvNVLld2O7HYXilATOWiLAsTrkrm&index=3>. Acesso em: 12 feb. 2022.